

KATALIN ÓRY KOVÁCS

**TORNAR-SE HÚNGARO NO BRASIL.
MUDANÇA DE IDENTIDADE DOS SUÁBIOS DA HUNGRIA
QUE SE ESTABELECERAM NA JARAGUÁ DO SUL¹**

No final do século XIX, no estado brasileiro Santa Catarina, nos arredores da recém-nascida cidade Jaraguá do Sul, esperavam terrenos desertos pelos emigrantes europeus: alemães, italianos, poloneses – e pelos que chegavam da Hungria. O governador da Santa Catarina achou este povoamento “muito importante”², porque a região, originalmente habitada por portugueses, ia despovoando-se. Em 1895 a Sociedade de Colonização de Hamburgo e depois, dois anos mais tarde, a Sociedade de Colonização Hansa, a qual repartiu 170.000 hectares de terreno, trouxeram milhares de imigrantes à região. Entre eles aproximadamente trezentos suábios “húngaros” da província húngara de Veszprém.³

(Os emigrantes húngaros partiram de Veszprém nos meados de novembro de 1891. [...] Desembarcaram de Bremen no início de dezembro, a bordo do navio de passageiros *Bremen-Leipzig*, que partiu para o Brasil, através de Lisboa. Chegaram ao Rio de Janeiro no início de janeiro de 1892, de manhã. À tarde logo transbordaram a um navio a vapor brasileiro, chamado *Desterro*, cujo ponto de destino era Florianópolis. [...] De Blumenau continuaram sua viagem de carro, até a o rio Ada. Depois atalharam o caminho pela Floresta Virgem, a pé, abrindo atalhos até o Alto Garibaldi.)⁴ Os arredores de Jaraguá do Sul são colonosos, exceto as vales do Itapocú e da Jaraguá. Na região da cordilheira do Garibaldi o povoamento avançava de fora para dentro, no distrito atual através dos rios Ada e Rodeio, ao longo dos rios da área Itapocú de então. Segundo o mapa antigo, neste território houve dezesseis rios e ribeiros, todos caudalosos, cá e lá navegáveis, entre outros o *Ribeiro dos*

¹ Para ficar simples, vou considerar todos os habitantes dos arredores habitantes da Jaraguá do Sul.

² PIAZZA, Walter F. – L. M. HÜBENER: *Santa Catarina: História da gente*. Florianópolis. 1983, Lunardelli, 52.

³ Em 1891 emigraram 230 húngaros, em 1892 149, em 1893 156, em 1895 165 e em 1896 706. – SCHMÖCKEL, Eugénio Victor: “A presença húngara em Jaraguá do Sul.” *Correio do Povo*. 1987/VIII/8-14. Jaraguá do Sul.

⁴ SCHMÖCKEL, op. cit., 1987/VII/2531.

Húngaros. A enumeração ⁵ dos húngaros estabelecidos é mais que significativa, pois apesar do nome italiano (*húngareses*, isto é, húngaros) é óbvio que neste caso o problema seja mais complexo. Os imigrantes considerados húngaros no Brasil não eram considerados húngaros na Hungria.

Mas hoje em dia podemos observar um processo de *revival* de uma identidade húngara tão forte, em que a tradição suábica vai perdendo a importância. Os descendentes se declaram sem dúvida húngaros.

“No meu coração sou meio brasileiro, meio húngaro, mas saudade só tenho da Hungria. Eu nasci cá, nunca estive lá...” (um homem de 39 anos, agricultor)

“Somos sem dúvida húngaros. Membros do povo húngaro. Se suábios ou não, aqui não tem importância. Somos húngaros e também ficamos.” (uma mulher de 28 anos, dona de casa)

Esta tese pretende compor, no nível do levantamento, as questões com a ajuda das quais se pode descrever este processo. Estas questões são: Quais são os *elementos macro- e microculturais*, quais são as influências que provocaram esta mudança? Com que herança mental chegaram os suábios húngaros ao território de Jaraguá, e como e quanto tempo durou esta herança? Se podemos observar várias *interferências culturais* com os povos vizinhos (indígenas e emigrantes: alemães, italianos, poloneses, japoneses, índios)? No longo da sua história, como tentaram *manter* e depois *ressuscitar a sua identidade* (húngara e suábica)? Que técnicas eles elaboraram, como os influenciou o processo da perda de cultura e depois o processo da consciente e institucionalizada criação de cultura?

* * *

Geralmente os emigrantes têm dois motivos para deixar a pátria: ou econômico, ou político, ou ambos. Os emigrantes de motivo político são mais capazes de apresentar os seus interesses do que os outros emigrantes: “(às

⁵ Sem a pretensão da totalidade: Georg Binder, Jakob Stenger, Michael Graf, Ignaz Wasch, Joseph Beck, Georg Wasch, Lorenz Peng, Johann Hardi, Joseph Lescowicz, Otilia Trapp, Georg Steinmacher, Joseph Madl, Éva Fix, Emerich Watzko, Martin Kluehans, Mathias Reiser Jr., Johan Papp, id. Matias Reiser, Anton Fischer, Johan Fodi, Karl Illes, Maraus Karsten, Joseph Scheuer, Emerich Ruysam, Johan Butschardt - Franz Fischer, Joseph Bankhardt, Johan Nepomuceno Leutprecht, Anton Eichinger, Joseph Krumecker, Johan Krumecker, Johan Panstein, Johan Vagi, Gabriel Lescowicz, Johan Keller, Johan Salamon, Valentin Leitold, Johan Haztel, Prof. Stephan Stöckle, Andreas Kramel, Joseph Steierlein, Johan Ernhafer, Johan Kiss, Anna Kirsthen, Johan Barkhardt, Franz Schwarz, Lajos Todt, Gabriel Maretei, Michael Gatscher, Florian Spies, Joseph Leitoldt, J. Lann, J. Beckel, Michael Leithold, Franz Stelerloinid, Joseph Bokor, Ferdinand Koller, José Heiter, J. Koch, J. Schogor, Emerich Stenger.

vezes, o barulho de alguns pode parecer ao ouvinte superficial a voz da multidão).⁶ Esta superrepresentação não era característica para a comunidade de Jaraguá, nem um pouco. Como os suábios emigraram da província húngara de Veszprém de motivos econômicos, não é surpreendente que desapareceram no tumulto étnico e ficaram invisíveis e calados como comunidade.

A vida comunitária dos húngaros de Jaraguá, a manutenção das tradições que conservam e reproduzem a *consciência húngara* e a intensidade desta consciência de identidade não é nada constante. Além das relações interiores da família e da comunidade, eram fortemente influenciadas por muitos efeitos. Assim por exemplo a recenseamento administrativo no ano 1917, que tinha uma lista dos “elementos inimigos”, fez efeito contra a consciência nacional, embora só em nível simbólico. Por um lado, porque o país abrigador os considerou suspeitos, por outro lado, porque os considerou simplesmente alemães.⁷ A Segunda Grande Guerra teve uma influência semelhante, principalmente depois de 1942, quando o contacto diplomático entre a Hungria e o Brasil foi interrompido. A política do presidente Vargas entre 1937 e 1945, o *Estado Novo*, também era um contra-efeito⁸.

A desrepresentação e o “desaparecimento” dos húngaros de Jaraguá tem vários motivos. O motivo principal pode ser que quase todos eram membros de classes sociais que tinham pouca aspiração e capacidade de apresentar os interesses: a maioria era agricultor, pouco escolarizada, muito longe das carreiras burguesas e intelectuais. Também contribuiu à invisibilidade o desinteresse das autoridades brasileiras. Tanto no final do século XIX, como no primeiro terço do século XX, os emigrantes geralmente eram tratados como uma multidão homogênea. Mas também é verdade que até as estatísticas alemãs, consideradas as mais minuciosas, não tenham sido devidamente precisas. Até 1870 não existia uma unificada estatística alemã, muitas vezes só usavam as listas de passageiros dos navios. Depois, até 1924, as pessoas eram consideradas emigrantes na base do bilhete comprado.⁹ Quem comprou um bilhete mais caro, foi considerado turista, segundo as estatísticas. Sabendo que também os suábios húngaros da Jaraguá partiram de

⁶ ALBERT, József: “Célok és utak.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1924. március 30., II. évfolyam 13. szám.

⁷ Mais informações: BALHANA, Altiva Pilatti - WESTPHALEN, Cecilia Maria: *O censo dos alemães do Paraná em 1917*. Colônia, 1976, Bohlau Verlag.

⁸ Mais informações: SZILÁGYI Ágnes Judit: *Távolodás Európától. Nemzetépítés és kultúrpolitika Brazíliában az Estado Novo idején (1937-1945)*. Budapest, 2004, Áger Bt.

⁹ KELLENBENZ, Hermann – SCHNEIDER, Jürgen: “La emigración alemana a América Latina desde 1821 hasta 1930.” In: *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*, 13. 1976, 386-392.

portos alemães¹⁰ e, ainda por cima, tinham nomes alemães, não é nada surpreendente que foram relegados ao segundo plano.

A avaliação dos primeiros anos é ambivalente. A maioria das obras históricas, baseando-se num único livro de memórias escrito em português, descreve uma vida comunitária muito forte, tradicionalista.¹¹ Porém, não existe o menor traço disso nem nos materiais concretos, nem nas memórias que podem ser descobertas durante o trabalho empírico. Muito pelo contrário! Os descendentes que vivem ainda hoje explicam que no início seus antepassados perderam a própria cultura, perderam o interesse pelas próprias tradições por causa das mudanças súbitas e radicais: do trabalho difícil e do ambiente estrangeiro.

“Pois quem tinha tempo para ocupar-se com isso [com as tradições suábias]? Meus avôs trabalhavam da madrugada até à noite. Em todos os dias da semana. E isso era assim durante anos. Nem tinham tempo para conversar-se. Pelo menos contaram assim.” (um homem de 78 anos, agricultor)

Os húngaros que na pátria antiga tinham ganho pouco, agora se encontraram em novas condições de produção. Entre dessas a mais importante era que, comparando com as condições da pátria antiga, se tornaram proprietários, praticamente latifundiários. Além disso, tornaram-se de repente pessoas ativas, agentes. Podiam e deviam participar em uma atividade diária que influenciava a própria vida (tornaram navegável o rio, construíram casas comunitárias, organizaram a venda dos seus produtos no mercado, começaram a transformar a matéria prima, etc.), e isso também contribuiu à desmoralização das tradições antigas. A estrutura da família também se mudou: no Brasil não tinha mais sentido ter uma família pequena com um só filho. Por um lado, cresceu o número dos casamentos, por outro lado, as pessoas se casaram muito mais cedo. Além disso, com a radical melhora das condições de vida, iam nascendo cada vez mais filhos. É um dado eloquente

¹⁰ SCHMÖCKEL, op. cit., 1987/VII/2531.

¹¹ Apesar de a literatura científica sobre a vida dos húngaros da Jaraguá não ser vasta, há muitos textos sobre este tema. Mas todos têm uma coisa em comum: todos são parciais e descrevem as condições mais positivas do que realmente são e, além disso, todos usam como base as memórias, os diários e as palavras pessoais de Ferenc Fischer. Podemos ler sobre os fatos que eles mantêm a identidade húngara, mas já não falam húngaro, que eles mantêm os costumes, mas seus filhos andam a escola brasileira, e que eles são religiosos, enquanto não há ensino de religião, etc. Vê os textos mencionados de id. BOGLÁR Lajos, SCHMÖCKEL, PIAZZA – HÜBENER.

que, enquanto nas regiões alemãs da Europa calharam dois nascimentos a um falecimento, nas colônias do Brasil do Sul esta medida era o duplo ou triplo.¹²

Mas, passando as primeiras duas décadas, pareceu que, apesar de todas as influências exteriores, pararam e até voltaram para trás os processos da perda da cultura. Na manutenção e reconstrução das tradições culturais teve enorme papel a família Fischer, principalmente Ferenc Fischer. Podemos constatar sem exagero que sem ele hoje não existia uma colônia húngara na Jaraguá. Fischer era uma pessoa central, um corifeu para os suábios húngaros da Jaraguá: ele exerceu atividades como cronista voluntário, advogado da comunidade, conservador da memória coletiva e representante de diplomacia. Segundo os dados arquivos, Ferenc Fischer era uma das pessoas importantes que colaboravam na ocupação dos terrenos e na marcação das fronteiras, na região do Garibaldi de hoje. Ele era intermediário entre a comunidade húngara da Jaraguá e muitas organizações da Hungria. Na primeira metade dos anos 1930, os húngaros da Jaraguá trocavam correspondência regularmente com o *Departamento Americano Da Aliança Nacional Húngara* e, na segunda metade, com o *Congresso Mundial Dos Húngaros*.¹³

Até nos anos da perda da cultura, Fischer comunicava ao mundo exterior que os húngaros da Jaraguá tinham uma consciência húngara coerente que definia a sua vida diária. (A maior parte dos húngaros é católico e também os protestantes vão catolizando-se. Infelizmente a língua húngara está morrendo e há só poucos velhos que a falam. Mas os costumes nacionais ainda são vivos. [...] Se festeja a Páscoa a maneira húngara, e também se festeja a quermesse de três dias.)¹⁴ Ele apresentou os interesses dos emigrantes da Jaraguá tão fortemente e de tal maneira húngara que até a diplomacia da Hungria (tanto no consulado, como na embaixada) o considerou um importante contato entre os húngaros do estado brasileiro Santa Catarina e a Hungria. É paradoxo e ambivalente que Fischer não entendeu e falou bem húngaro, assim ele escreveu as suas cartas e memórias em alemão.

Além das influências que causaram a perda de cultura, havia também processos contrários. Os mais importantes destes eram naturalmente as ondas de emigração, quando chegaram ao mesmo tempo muitos húngaros à comunidade. Seja de motivo econômico, político, ou fugindo da guerra. Considerando sua natureza, também podemos mencionar aqui o interesse da pátria. O texto de uma página inteira na folha de rosto de um jornal no Brasil

¹² VON DELHAES-GUENTHER, Dietrich: “La influencia de la inmigración en el desarrollo y composición étnica de la población de Rio Grande do Sul.” In: *Jahrbuch für geschichte von staat, wirtschaft und gesellschaft Lateinamerikas*. Köln, 1976, Böhlau Verlag.

¹³ Vê: do arquivo particular de id. Lajos Boglár.

¹⁴ FISCHER, Ferenc: “Hol laknak a legrégebben magyarok Brazíliában?” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1924. január 6.

sobre os emigrantes para a América do Sul, é o resumo do artigo que algumas semanas antes foi publicado na Hungria, no jornal *Nemzeti Ujság*.¹⁵ Isso é exemplo eloqüente da mútua atenção de imprensa entre os húngaros do Brasil e da Hungria. Os húngaros no Brasil então achavam importante a opinião dos húngaros na Hungria; é por isso que publicaram o resumo do artigo.

Assim era também a acentuada presença diplomática. Até o início da Segunda Grande Guerra o encarregado do distrito recebia regularmente livros e jornais da Hungria. E até os encarregados do governo húngaro visitavam a colônia húngara da Jaraguá. Assim, em 1908 o cônsul real, depois em 1940 e 1941 o cônsul Lajos Boglár, junto com o novo embaixador, Miklós Horthy, Jr.¹⁶ Este interesse de grau alto iniciou um processo positivo, cujo motor era o fato que se a comunidade era interessante e preciosa para o mundo exterior, então se tornava interessante e preciosa também para si mesmo. E devemos mencionar aqui também a atividade pesquisadora que começou nos anos 1990, tanto no Brasil, como na Hungria.

A aberta admissão de ser húngaros era ao mesmo tempo uma representação de força para as outras nacionalidades emigrantes. O *Fundo Húngaro de Solidariedade no Brasil* encorajou os húngaros para (desfilando em filas longas, mostrar a nossa força que segura o nosso futuro, o nosso desenvolvimento e a promoção e desenvolvimento da nossa cultura).¹⁷ Estas “manifestações” concretas e simbólicas eram presentes tanto nas maiores cidades, como nos territórios marginais, a partir dos finais dos anos 1920. Apesar de ser características principalmente para os húngaros das grandes cidades, sobretudo em São Paulo, podemos encontrar numerosos exemplos também na Jaraguá do Sul e nos arredores.

Estes aparecimentos públicos eram para todos. Embora tendo diferentes funções, eram ao mesmo tempo para a própria comunidade e para o ambiente. Na Jaraguá do Sul surgiram simbólicamente também contra a fortíssima presença alemã. Pois entre os alemães que tinham vindo de territórios de língua alemã e os suábios havia uma forte tensão. O motivo disso era obviamente a relação hierárquica entre eles. Nesta relação, os alemães de classes mais altas, que também no Brasil dispunham de um significativo poder econômico e comunitário, tratavam por cima de ombro os agricultores suábios que tinham chegado da Hungria. Um pequeno exemplo da adaptação ao ambiente de língua alemã é a mudança do sobrenome da família Vas. A

¹⁵ Vê: NN: “A magyar belügyminiszter elmondja, hogyan élnek a magyar kivándorlók.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1927. március 12., V. évfolyam 282. szám.

¹⁶ BOGLÁR, Lajos: *Pau Brasil*. Budapest, 2000. Masszi Kiadó, 156; Mais sobre a atividade diplomática húngara na região ampla : id. BOGLÁR Lajos: *Magyar világ Brazíliában. A múlt századtól 1942-ig*. Budapest, é.n., kn., 95-104.

¹⁷ NN: “A Magyar Ház megkezdi működését.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1927. június 9., VI. évfolyam 319. szám.

pronúncia da palavra *Vas* na língua alemã é “fas”, cuja obscenidade na língua húngara ofendeu o ouvido dos suábios que também entendiam húngaro. É por isso que este nome se tornou primeiro *Vasch*, depois *Wasch*.

As maiores festas eram organizadas praticamente sempre pelos alemães.¹⁸ Comparando com isso, o número das festas organizadas por outros étnicos era insignificante. Não pode ser por acaso que os húngaros quiseram “fugir” desta rica escolha, para criar a própria festa húngara, mais modesta.¹⁹ Mas a definição de alguma coisa contra outra sempre implica o conflito que surge da diferença e da oposição. Porém, ao mesmo tempo declara a pretensão instintiva da pertinência e até da vontade da pertinência de alguma comunidade.

Neste sistema de relações não podemos desconsiderar como apareceu a demonstração aberta da identidade húngara no ambiente declaradamente “brasileiro”. Pois a motivação da elite cultural, que tinha uma idéia forte sobre a nação brasileira, era a partir dos finais do século XIX a separação, a distinção da pátria antiga, a criação de um “diferente”, de um “novo” nos símbolos, no sentimento nacional. Quis elaborar uma própria cultura, próprias tradições. E neste ambiente, que “procurava a liberdade cultural”²⁰, as aspirações nacionais dos húngaros tinham que aparecer e se declarar de tal maneira que isso não ofendesse a nascente identidade brasileira, e até se tornasse parte orgânica do desenvolvimento da cultura brasileira.

A identidade dupla não é nada rara nas regiões de étnico misto ou da existência minoritária. Certos étnicos da Europa Ocidental criaram uma específica identidade dupla. Eles têm dois conceitos de nação, por exemplo, se consideram ao mesmo tempo franceses e cósicos. Mas a mesma relação pode ser observada no caso dos suábios da Hungria. Na pátria antiga se consideravam ao mesmo tempo alemães e húngaros. Assim, a colocação do “próprio” grupo em uma maior comunidade torna também a identificação exterior, pelo “esrangeiro”, dupla. Eles podem ser considerados húngaros ou alemães, próprios ou estrangeiros. Ser alemão entre os colonizadores significava respeito, reconhecimento, pois a tradicional definição “colonizador” se referia aos emigrantes alemães.²¹ Há alguns textos que descrevem como os suábios húngaros estabelecidos começaram a falar alemão como língua materna. Depois

¹⁸ Alguns verbetes da coleção de Pichetti: festa da bola, festa maçã, festa do vinho, festa do queijo e do mel, festa do porco, carnaval, festa de Tirol, festa de Pomerania, festa de atiradores, Oktoberfest. - PICHETTI, Antonio: *História de Sta Catarina*. IV. kötet. Curitiba, 1970, 81-82.

¹⁹ PICHETTI, op. cit., 55-57.

²⁰ SODERÉ, Nelson Werneck: *Síntese de História da Cultura Brasileira*. São Paulo, 1985, DIFEL, 135.

²¹ SERRÃO, Joel: “A emigração portuguesa para o Brasil na segunda metade do século XIX (esboço de problematização)” In: *Temas oitocentistas*. Lisboa, Livros Horizonte, 161-162.

houve uma troca de língua inteira, mas só é por causa das leis cada vez mais nacionalizadas que agora “falamos brasileiro”²² e não alemão.

A manutenção da identidade húngara foi seguro por alguns elementos microculturais que à primeira vista aparecem insignificantes. Por exemplo, na retórica escrita e oral dos anos 1920 – mesmo dentro de uma frase – tanto a gratidão à nação abrigadora, como a distinção nacional encerrada em tradições nacionais, tinham lugar. (...quando na sombra das bandeiras húngara e brasileira os filhos de um pequeno país se encontrando, a simpatia amiga da grande nação acolhedora possibilita que nós criemos nossa comunidade para desenvolvermos nossas capacidades especiais, que tornará a nossa colônia grande, isso nos beneficiará e trará honra não apenas para a colônia húngara, mas também para o nome Húngaro.)²³

Nas expressões e na fraseologia da correspondência oficial entre a Jaraguá e a Hungria²⁴ se pode observar uma permanente ideologia declaradamente húngara, baseada em valores nacionais e cristãos. O tratamento era quase exclusivamente “Prezados Compatriotas!” e “Prezado Compatriota!”. E nas cartas não era rara a referência a Santo Estevão e às idéias dele. A fórmula de despedida sempre acabava com o adjetivo “patriótico”, assim como em “com estima patriótica” ou “com lembranças patrióticas”, “com amor patriótico” e, porventura, “com amor húngaro”.

Na correspondência das organizações húngaras e dos húngaros da Jaraguá regularmente aparecia o problema que os emigrantes na Jaraguá, que imigraram da Hungria, não eram de nacionalidade húngara, e nem sequer falavam a língua húngara. Nas cartas de Ferenc Fischer isso aparecia como alguma coisa negativa que causa remorso de consciência, enquanto nas cartas de resposta aparecia como um fato de pouca importância. (Embora sua língua materna não seja a húngara, devem manter o apego à pátria antiga e [...] o sentimento húngaro...) ²⁵ (Esta pátria abracava e abraça com amor os seus cidadãos de todas as línguas...) ²⁶ A correspondência ocorria em duas línguas, as cartas partiam em húngaro ao Brasil e voltaram em alemão à Hungria. (Por favor, tenha a coragem para escrever em alemão a nós que nos interessamos pela sorte de todos os ex-cidadãos da Hungria que, talvez na língua não, mas

²² BOGLÁR, Sr. op. cit., 86.

²³ NN: “A Magyar Ház megkezdi működését.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1927. június 9., VI. évfolyam 319. szám.

²⁴ Vê: as cartas do arquivo privado de Boglár Lajos Sr. dos anos entre 1932 e 1945.

²⁵ Carta do barão Perényi Zsigmond para Fischer Ferenc. 4 de Setembro de 1936. [do arquivo privado de Boglár Lajos Sr.]

²⁶ Carta do barão Perényi Zsigmond para Fischer Ferenc. 18 de Outubro de 1937. [do arquivo privado de Boglár Lajos Sr.]

no coração se sentem húngaros.)²⁷ Assim encorajou o barão Zsigmond Perényi Fischer para ele escrever em alemão.

Mas a identidade húngara também aparece no nível dos símbolos visíveis. Em 1927, o ministro do interior doou à Associação dos Húngaros no Brasil uma bandeira representativa que simbolizava os húngaros de muitos aspectos. Na bandeira – naturalmente além da tricolor nacional – aparece a figura da Patrona Hungariae, flutuando entre as nuvens, o escudo húngaro com o anjo, e o rei Santo Estevão, oferecendo a coroa. Nos pregos decorativos, que fixam a bandeira e simbolizam o globo, se vê a ave turul voando na luz da coroa húngara.²⁸ Os aparecimentos materializados e visualizados da ideologia nacional, que veio da Hungria ao Brasil, praticamente não se mudaram durante algumas décadas. O filme feito em 1927, à ordem do ministro do interior²⁹, utiliza quase os mesmos elementos do que o livro publicado em 1957 pela Aliança Mundial dos Húngaros, com o título *Magyar Hírek*. Este pretendeu conscientemente influenciar os húngaros no exterior através dos símbolos bem conhecidos por todos, facilmente decodificáveis, que simbolizavam a pátria. Não utilizou a fraseologia ideologicamente pesada, mas voltou ao uso do sistema de símbolos da época entre as duas guerras mundiais. O jornal *Délamerikai Magyar Hírlap* identifica e desmascara estes elementos em um longo artigo irônico: (...a tricolor vermelho-branco-verde, a música cigana, a flor da acácia, a tulipa, a vaca que está pastando em paz...)³⁰, o frango com paprika, a igreja Mátyás, o Tabán de odor de lilás.

Estes símbolos funcionam eficientemente ainda hoje nesta comunidade. Como os húngaros, semelhante aos outros povos emigrantes, viviam em uma unidade territorial, moravam perto uns aos outros, formaram “vizinhanças étnicas”³¹. As organizações étnicas e sociais, que comunicam a simbólica de “ser húngaro”, no início eram fortes. Isso tornou mais difícil a integração de novos modelos culturais. Por isso podemos encontrar elementos que sobreviveram um século inteiro. Os dois traços mais característicos na Jaraguá do Sul e nos arredores são a *condensação* e a *acumulação*. O meio da condensação coloca juntos símbolos que normalmente não pertencem um do

²⁷ Carta do barão Perényi Zsigmond para Fischer Ferenc. 7 de Abril de 1936. [do arquivo privado de Boglár Lajos Sr.]

²⁸ NN: “A magyar belügyminiszter elmondja, hogyan élnek a magyar kivándorlók.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1927. március 12., V évfolyam 282 szám.

²⁹ NN: “A magyar belügyminiszter elmondja, hogyan élnek a magyar kivándorlók.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1927. március 12., V évfolyam 282 szám.

³⁰ KÓBÁNYAI, Péter: “Mézesmadzag emigránsoknak.” *Délamerikai Magyar Hírlap*, 1959. augusztus 19.

³¹ HOPPÁL, Mihály: “Kulturális értékrendszerek és identitásértékek”. In: HOPPÁL – SZECSEKŐ (szerk.): *Értékek és változások II*. Budapest, 1982, Tömegkommunikációs Kutatóközpont, 132-133.

outro, assim criando um novo símbolo complexo que implica todos os elementos da idéia nacional. E assim é também a acumulação, em que os mesmos símbolos nacionais aparecem multiplicados.

As décadas 1970 e 1980 trazem o esquecimento de ser húngaro e a perda total da língua e, em muitos casos, até a identidade muda e fica duvidosa. (Os membros da comunidade húngara são pacíficos e vivem em condições reguladas: a maioria é agricultor, mas há quem trabalha em serraria ou em oficina de carpinteiro. Houve quem conseguiu fazer uma carreira de sucesso e começou uma empresa industrial.)³² A agricultura foi relegado ao segundo plano, começou a industrialização, os jovens preferiram procurar trabalho na indústria ou no comércio. Mudaram-se não apenas as condições de existência. Na “luta” das culturas alemã e húngara obviamente ganhou a cultura alemã que era mais colorida, mais viva, oferecia mais oportunidades de passar o tempo livre e tinha uma base econômica mais forte. Isso aconteceu em uma época, quando também a cultura brasileira conseguiu oferecer uma rica e atraente escolha de identidade. Os menos comprometidos, os inseguros, os desinteressados se integraram facilmente nesta atraente cultura brasileira oferecida. Este processo foi reforçado pela secularização, que embora sendo muito menos radical do que os processos semelhantes na Europa e embora sendo muito longe do ateísmo, influenciou notavelmente as gerações jovens. Naquela época, nos anos 1970 e 80, quando a manutenção da identidade húngara se organizava em torno da religião, isso significava muito. (...nas festas religiosas organizadas pelas várias comunidades ainda predomina o espírito húngaro ou ‘hugarês’.)³³

Os iniciadores do movimento pelo encontro da identidade húngara sabiam que seus antepassados tinham vindo da Hungria, assim pareceu óbvio que a base escolhida da sua procura de identidade era húngara, definida através da diferença dos alemães, poloneses e brasileiros. Nesta motivação não há muito mais disso. Até os anos 1990 praticamente desapareceu seu conhecimento sobre os húngaros e a vida na Hungria. Assimilaram-se totalmente. Para os descendentes dos suábios húngaros da Jaraguá, a geografia, a história e a cultura da Hungria eram desconhecidas. Houve um velho de mais de 80 anos que se considerou hugarês, sem saber concretamente de onde ele proveio, e ele perguntou: “...como se chama o país situado entre a Áustria e a Hungria, onde vivem suábios”? No início do processo de revival os ativistas da organização húngara de São Paulo tinham que mostrar no mapa da Europa, onde a Hungria se encontra.³⁴

³² SCHMÖCKEL, op. cit., 1987/VIII: 22-28.

³³ SCHMÖCKEL op. cit., 1987/VIII: 22-28.

³⁴ PILLERNÉ T. Éva (São Paulo): informação oral.

Na Jaraguá do Sul e nos seus arredores, onde se consideram aproximadamente 1500 pessoas descendentes de emigrantes húngaros³⁵, ninguém fala a língua húngara. No início dos anos 1940 o cônsul Lajos Boglár ainda falava húngaro nas aldeias húngaras, embora notando que mais com as mulheres. Com o seu contato mais importante, Ferenc Fischer, também se correspondeu em alemão. Ao dobrar o milênio, não existia mais o conhecimento da língua húngara, nem em traços.

Logo depois da emigração, se fundou uma escola por iniciativa húngara para seus filhos aprenderem a língua portuguesa, o mais cedo possível. Também é óbvio que na região respectiva era a colonização alemã a mais forte: as consequências disso podem ser observadas ainda hoje, pois a maior parte da indústria e do comércio está nas mãos das pessoas de fala alemã. Como a colonização alemã antecedeu a húngara, era totalmente natural que os Stenger e os Scheuer achassem muito importante a manutenção do seu conhecimento da língua alemã. Uma das falsas opiniões lingüísticas é que alguns dos velhos suábios da Jaraguá acham que o húngaro seja apenas um dialecto do alemão.³⁶ Nesta época não existia nenhuma tradição perceptível, não existia o movimento dos bens culturais – objetos, símbolos, elementos folclóricos, etc. – do passado ao presente, ou seja, sumiu o “tráditio elemental”³⁷.

Quando os jaraguanos começaram a revitalizar as suas tradições em 1995, fundando um grupo de dança folclórica húngara, cozinhando comidas húngaras, isso não era o funcionamento do tráditio, muito mais um fenômeno clássico de revival que foi motivada pela vontade de ser diferente da maioria. Como também o secretário cultural da Jaraguá disse: (Os alemães, os italianos têm festas com dança; por que nós não as temos?)³⁸ A expressão *nós* marca o início de uma procura de identidade de base étnica, isto é, eles tinham que encontrar alguma coisa que os distinguisse do ambiente de origem alemã e italiana.

É muito instrutivo quais eram as características étnicas que no início do movimento os húngaros – os chefes da Associação Húngaro–Brasileira – consideravam relevantes.³⁹ Na nova construção de nação não aparece nenhum componente novo, apenas os elementos já conhecidos que também

³⁵ Do artigo do jornal “Notícia” da Jaraguá, 25 de julho de 1997: „Jelenleg feltehetően 1500 magyar leszámazott él a területen. Csak 25% él a városban, a többiek távolabbi kerületekben, mint Jaraguá 84, São Estevão, Jaraguázinho és Ribeirão Rodrigues.”

³⁶ TÓTH, László (São Paulo): informação oral.

³⁷ SHILS, Edward: “A Hagyomány. Bevezetés.” In Hofer Tamás - Niedermüller Péter (red.): *Nemzeti kultúrák antropológiai nézetben*. Budapest, 1988, MTA Néprajzi Kutató Csoport, 30.

³⁸ Mais sobre o início do processo: TÓTH László: “A búvópatak felszínre tör.” *Brazíliai Magyar Hírlap*. São Paulo, 1995.

³⁹ “A magyarok visszaszerzik történelmüket.” Declaração do presidente da Sociedade Húngaro–brasileira Hilárió Scheuer. *Notícia*. 25 de julho de 1997.

funcionavam no passado. A mais importante *differentia specifica*, a língua, não pode fazer parte, por causa da sua perda total. A religião – que na região normalmente significa a igreja católica, e assim também nesta comunidade – continua funcionando como antes, no seu sistema profundamente codificado. Não há maneira de mudá-la ou torná-la mais húngara. É verdade que mais tarde os grandes eventos de massas quase sempre tenham relação à religiosidade – participação de pessoas eclesiásticas, abençoamento do lugar ou do monumento, etc. – , mas isso se considera antes uma velha técnica de legitimação.

Eram o comer e beber, a música e a dança que começaram a transmitir a identidade húngara. Caracteristicamente em uma forma especial, um pouco simplificada, abobada, um pouco adaptada às condições locais. Neste caso, o importante não é o que é realmente um elemento húngaro, mas o que é declaradamente húngaro para a comunidade local. (Eles tornaram uma cultura popular mais ou menos mitológico a uma cultura elitista e, assim, podemos dizer que conseguiram fazer regressar a ‘cultura nacional’ ao povo, mas agora já com o selo oficial da qualidade. O carácter paradoxo da situação provém sobretudo do fato que eles emprestaram os elementos das idéias nacionais de tal culturas regionais que nunca tinham carácter nacional, muito pelo contrário: sempre atravessavam as fronteiras das nações.)⁴⁰

É interessante, como aplicaram os conhecimentos nas condições locais. Era óbvio a ambição a divulgar os novos conhecimentos, mas eles os completaram conforme ao gosto local. Por exemplo, no caso da sopa “gulyás”, que é considerado uma especialidade húngara, usavam em vez de batata mandioca, e nunca usavam pimento, dizendo que “é picante demais para nós!”. Se deve notar que é impossível comprar pimento picante na Jaraguá. É óbvio que neste caso a função acentuada da alimentação não é a subsistência, mas a função simbólica. O “gosto de Jaraguá” é o que é aceite pela comunidade como sistema normativo.

A dança folclórica, ou seja, a idéia que a dança e a música fazem parte orgânica das festas, já aparecia nos textos antigos. Destes textos se aclara que nos salões parecidos a barracos, situados ao lado das igrejas, já no início da colonização houve festas com dança. (Ali se reuniam os habitantes, aparecendo em traje nacional, em roupas dos mais refinados estilos que eles tinham usado na Europa abandonada.)⁴¹ Para poderem criar uma festa em torno da dança folclórica, eles tinham que procurar um modelo étnico que por um lado tinha provido de uma idéia de uma cultura mítico e popular, por outro lado era diferente dos eventos semelhantes dos outros étnicos. Eles desejavam

⁴⁰ LÖFGREN, Orvar: “Gondolatok a nemzeti érzés kulturális szerveződéséről.” In Hofer Tamás – Niedermüller Péter (red.): *Nemzeti kultúrák antropológiai nézetben*. Budapest, 1988, MTA Néprajzi Kutató Csoport, 163.

⁴¹ SCHMÖCKEL, op. cit., 1987/VIII:8-14.

identificar-se com este conjunto de fenômenos que, com os seus símbolos sucessivos, possivelmente ia tornar-se base de uma tradição.⁴²

Estudando ou adaptando as tradições reproduzidas normalmente se mudam muitos elementos “sem que isso fique percebido pelos adaptadores”⁴³. Um sinal da adaptada escala de valores é por exemplo que além da bandeira e do escudo nacionais se tornam símbolos nacionais também os balões e as toalhas de mesa vermelho-branco-verdes que decoram as paredes e as mesas da sala de dança. Neste ambiente – com a música folclórica soando de fitas, os dançadores em traje nacional, as comidas húngaras – predomina um sistema de símbolos que cria a possibilidade de manter e divulgar os fatos da cultura. Mas os emigrantes húngaros não só acentuam a sua nacionalidade com objetos, mas, por exemplo, também com a criação de tradicionais espécies de cães húngaros.⁴⁴ As tradições criadas podem ser consideradas então um tipo de “substituto de consciência”⁴⁵ que é necessário para a mitologia tornar-se mito.

⁴² Ve: BAUSINGER, H. - U. JEGGLE - G. KORFF - M. SCHARFE: *Grundzüge der Volkskunde*. Darmstadt, 1993, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 255.

⁴³ SHILS, op. cit., 33.

⁴⁴ THOMÁZY, Tímea: *A hagyományörzés sajátosságai a São Paulo-i magyar kolóniában*. Miskolc, 2001, ME BTK KVAT [tese universitária], 36.

⁴⁵ NAGY, Domokos Imre: Magyar ezredforduló. *Magyar Ezredforduló*, 1988/12., 15.